30 anos SINTUSP 30 anos de lutas
FILIADO À CONLUTAS **Sindicato dos Trabalhadores da USP**
Boletim Específico de Mulheres – SP 11/08/2010 – Gestão Sempre na Luta! Piqueteiros e Lutadores – 2008-2010

ATENÇÃO: VEM AÍ O 1º ENCONTRO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA USP!

No V Congresso Estatutário do SINTUSP, foi votada a criação da Secretaria de Mulheres e também a realização anual de um encontro de trabalhadoras da USP aberto a trabalhadoras de outras categorias. O 1º Encontro deverá ocorrer em setembro e a Secretaria de Mulheres já está organizando. É muito importante a participação das mulheres nesse evento. Comecem a discutir em seus setores de trabalho e a organizarem-se para estar nesse encontro fundamental e histórico da luta das trabalhadoras da USP. Haverá solicitação de liberação.
A classe trabalhadora unida e organizada tem a capacidade de resgatar suas conquistas trabalhistas que estão sendo retiradas aos poucos pelos consecutivos governos bem como mudar políticas de fome e miséria, etc. Porém a mulher inserida nessa classe precisa estar organizada e necessita discutir suas questões mais específicas firmando com a classe trabalhadora que só seremos iguais quando as diferenças forem respeitadas.

A próxima reunião da secretaria de mulheres será quarta-feira ás 18 horas no Sindicato, é aberta a todas que queiram. Participe você também.

A mulher trabalhadora da USP e a greve!

As mulheres trabalhadoras, que vêm enfrentando os sucessivos ataques do governo na USP, são conscientes de que não é possível ficar caladas diante dessa política de sucateamento das universidades que traz a terceirização, as fundações de direito privado substituindo aos poucos as servidoras públicas em servidoras sub escravas dessas empresas privadas no próprio espaço público.
São mulheres que lutam contra o arrocho salarial, por educação e saúde pública e gratuita para todos os filhos da classe trabalhadora, e por uma universidade que produza para a população e não apenas para uma parte de sociedade que se interessa apenas pelo lucro.
Na USP, as mulheres lutadoras deram exemplo mostrando que a organização e unidade foram fundamentais para enfrentar o interventor Rodas escolhido pelo governador Serra o destruidor da educação que está aplicando a (UNIVESP) Universidade Virtual, criminalizando os (as) lutadores (as) e punindo abusivamente funcionárias, como fez com a companheira Patrícia suspendendo-a por 30 dias fruto de perseguição política desde a greve de 2007, repudiamos essa atitude anti grevistas.
É fundamental que as outras companheiras que não participaram da greve se organizem para participar das próximas lutas unindo em uma só fileira, a busca contra essas perseguições políticas, por melhores condições de vida e por dignidade.
Participar do encontro das mulheres trabalhadoras da USP é mais uma das formas de organização e luta. Venha ser mais uma protagonista da História das lutas das trabalhadoras e trabalhadores da USP venha trocar experiências e aprender umas com as outras e contribuir para a busca da igualdade de direitos e estilo de vida.

Assédio moral: uma violência mental

O assédio moral tem sido uma prática freqüente na Universidade. Várias funcionárias (os) estão com problemas de ordem emocional inclusive tendo de ser acompanhadas (os) pelo médico psiquiatra tomando fortes medicamentos, sendo mais atingidas as mulheres, principalmente as limitadas de sua atividade normal como as doentes ocupacionais, as grávidas, as que amamentam e as que têm filhos e que vez em quando precisam faltar para cuidar deles(as) etc. Há muitas vítimas que por serem assediadas constantemente e inclusive submetidas a vexames perante seus (suas) colegas de trabalho, não agüentam a tortura e sem pensar acabam pedindo demissão fazendo a vontade do assediador (a) jogando fora anos de trabalho além de ter a mente destruída tornando muitas vezes impossível continuar sobrevivendo. É o caso de uma ex-funcionária do HU, cuja vida foi destruída por perseguição e inclusive perseguida durante a gravidez e proibida de amamentar sua filhinha, no próximo boletim descreveremos sua história. Punição a todas e todos que cometeram assédio moral.

No Brasil, a violência tem rosto de mulher

A cada 2 horas uma mulher é assassinada em nosso país. Um número difícil de engolir. Elas morrem nas ruas, no campo, nos morros, nas suas casas, pela polícia, e muitas vezes por seus próprios maridos e namorados. O último caso aberrante que acompanhamos nos noticiários foi o de Eliza Samudio. Até hoje não encontraram seu corpo, mas a justiça já indiciou 8 pessoas envolvidas no crime, sendo a principal delas o ex-goleiro Bruno, do Flamengo, que foi namorado de Eliza. Sobre isso, muitos vem dizendo *“Eliza era amante. Eliza só ficou com ele. Ela era garota-de-programa. Ela era atriz pornô”*, como uma tentativa de “justificar”, de “amenizar” e até de “dividir” um pouquinho da culpa com ela. Mas é preciso dizer: Eliza foi vítima de um tipo de violência específico, contra as mulheres, que nesta sociedade capitalista são consideradas como um grupo socialmente subordinado – que podem apanhar, ser humilhadas, que são propriedade dos homens, etc. Ser um grupo socialmente subordinado significa que é natural pra todo mundo que são as mulheres que devem cuidar de todo o serviço doméstico em casa. Que são as mulheres que recebem salários mais baixos do que os homens pelo mesmo trabalho. Que são as mulheres que ocupam as piores funções no trabalho, principalmente os terceirizados. Que são as mulheres que irão morrer caso sejam obrigadas a fazer um aborto clandestino. E, como dissemos, estão expostas a todos os tipos de violência. São nossas irmãs, mães, primas, colegas de trabalho. Somos nós mesmas que estamos sujeitas a todo o tipo de violência.

Muita vezes, nós trabalhadores e trabalhadoras pensamos que quando um colega conta que brigou com a mulher, quando um rapaz diz que bateu na namorada, quando um amigo diz que espancou a esposa, nós achamos que não devemos nos meter, porque alguém um dia disse lá atrás que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Quem diz isso é o próprio Estado e o governo, que não querem que a violência contra as mulheres acabe, pois essa opressão lhes é muito útil pra continuar dividindo as nossas fileiras. Além disso, sabemos que a violência não atinge somente as mulheres trabalhadoras, mas mulheres de todas as classes sociais, e isso é uma forma de manter o conjunto das mulheres oprimidas, sabendo que entre as trabalhadoras e pobres haverá mais sofrimento, pois são as que não têm dinheiro pra sair de casa, não tem dinheiro pra acompanhamento psicológico e médico, e dezenas de outras cargas que a dupla opressão lhes condena. Por tudo isso, é muito importante que a nossa categoria comece a discutir e se organizar contra a violência às mulheres, porque a cada mulher violentada, a cada mulher humilhada e assassinada, a nossa classe inteira dá um passo atrás no seu caminho de luta por seus direitos e por sua libertação. **Basta de violência contra as mulheres!**

Ainda sobre a violência às mulheres

Dos diversos tipos de violência que enfrentam as mulheres tem ainda a violência institucional que promovem os governantes quando as mulheres junto com os seus iguais lutam por objetivo comum. É o caso das comunidades indígenas que estão lutando contra a lei que extingue a FUNAI e substitui por secretaria escolhida pelo governo prejudicando as comunidades indígenas em suas políticas específicas como saúde e outros. Estão esses (as) acampados (as) desde janeiro em Brasília contra esse projeto lei, e desde então estão sendo hostilizados e atacados a todo o momento pela polícia do governo LULA. No dia 10 de Julho acordaram sob pancadaria realizada por policiais inclusive do BOPE com armas e cachorros, espirraram gás pimenta no olho de uma menina de apenas 12 anos, espancando as mulheres desrespeitando-as. Umas delas estava grávida e devido a violência policial perdeu seu bebê, e ainda foi hostilizada no Hospital denunciando a omissão de socorro por um médico. Isso é gravíssimo, a polícia não pode ficar impune diante dessa barbaridade e nem o Governo, Vejam que a mídia pouco falou, pois era apenas uma indígena não é? E mulher!!! **Respeitem os povos originários da terra!**

A violência constitucional

Existem países que aplicam leis contra as mulheres para mantê-las sempre oprimidas submissas e condenadas a viverem da vontade do mundo machista e não de sua própria vontade. Como no Irã que condena o adultério e iguala ao crime, porém não apenas condena como manda à morte a mulher que assim cometê-lo, todos têm visto na mídia a mulher que foi condenada a morrer apedrejada por ter cometido adultério segundo o governo daquele país. Em 2006 quando da acusação a mulher Sakineh Mohammadi Ashitiani levou 90 chibatadas e esteve presa todos esses anos aguardando a sentença de morte.
É preciso lutas e mobilizações para barrar essas leis medievais e ultra machistas, é uma batalha para todas e todos que não tem acordo com tortura e pena de morte, liberdade e respeito a vida de todas as mulheres.

Abaixo às leis que subjugam as mulheres.

Participe da próxima reunião que será quarta feira, às 18 horas, no Sindicato, esperamos por você mulher.

Sede Fernando Legaspe (Fernandão)Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374 - Cidade Universitária –Butantã, São Paulo/SP - CEP 05508-010
Telefones: 3091.4380/4381- Fax: 3814-5789 **E-mail:** sintusp@sintusp.org.br **Site:** www.sintusp.org.br